

**As contribuições de Mórin e Genro Filho para o jornalismo:  
análise da cobertura da mídia televisiva das olimpíadas do Rio 2016**

*The contributions of Mórin and Genro Filho to journalism:  
analysis of the coverage of the televisive media of the Olympics of Rio 2016*

Elthon Ferreira RIBEIRO<sup>1</sup>

Francisco Marques de Souza BISNETO<sup>2</sup>

Luiz Custódio da SILVA<sup>3</sup>

## **Resumo**

O jornalismo ao longo de sua história vivenciou diversas transformações no seu conteúdo, formato, suporte e entre os seus desafios consta a mudança da abordagem do pensamento reducionista para uma visão mais ampla da realidade, pois os seus processos enfrentam uma crise dos paradigmas do pensamento contemporâneo. Os objetivos deste artigo são apontar soluções para que o telejornalismo esportivo melhore em sua cobertura midiática fazendo o Jornalismo entender que a crescente complexidade da sociedade, conceitos desenvolvidos por Genro Filho e Edgar Mórin exigem novas abordagens, temáticas; e identificar os pontos positivos e negativos da cobertura das Olimpíadas do Rio 2016. As metodologias consistem na revisão da bibliografia específica e análise das transmissões das Olimpíadas das principais emissoras de televisão do Brasil, como TV Globo e TV Record.

**Palavras-chave:** Olimpíadas. Cobertura. Telejornalismo esportivo. Mórin. Genro Filho.

## **Abstract**

Journalism throughout its history has undergone several transformations in its content, format, support and among its challenges is the change from the approach of reductionist thinking to a broader view of reality, as its processes face a crisis of the paradigms of contemporary thinking. The objectives of this article are to point out solutions for sports journalism to improve in its media coverage by making journalism understand that the growing complexity of society, concepts developed by Genro Filho and Edgar Mórin require new approaches, thematic ones; And identify the strengths and weaknesses of the coverage of the Rio 2016 Olympics. The methodologies consist of a review of the specific bibliography and analysis of the Olympic broadcasts of the main Brazilian television stations such as TV Globo and TV Record.

**Keywords:** Olympics. Roof. Sports journalism. Morin. Genro Filho.

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UEPB.

Email: thon.ferreira@hotmail.com/

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UEPB.

Email: msouza.9@hotmail.com/

<sup>3</sup> Professor doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: custodiolcjp@uol.com.br

## Introdução

O jornalismo há algum tempo atravessa por uma fase de reconfiguração e de mudanças para atender as demandas da sociedade, e o telejornalismo esportivo não está fora disso. Os fatos ocorridos nos dias de hoje pedem que o jornalista vá além do óbvio, do simples, do pensamento reducionista. É preciso entender a notícia em sua totalidade, no seu contexto, com auxílio de outras ciências além do Jornalismo, como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia e outros, ou seja, uma pesquisa transdisciplinar. E diferente da arte e da ciência, o Jornalismo requer a singularidade dos fatos, a partir de um fato maior, como um acidente de trânsito (fato universal), pode-se fazer uma reportagem sobre os antecedentes, as causas e as conseqüências que levou determinadas pessoas a sofrer o acidente e provocar a morte de pessoas, ouvindo especialistas, vendo os vários lados e ângulos da história, algo complexo e que demanda um trabalho estratégico do jornalista, para entender qual o recorte da realidade fará na reportagem, incluindo os melhores métodos e técnicas.

Diante da complexidade da sociedade é necessário compreender a realidade em sua totalidade e não de forma fragmentária, como os pensadores Adelmo Genro Filho e Edgar Mórin que nos seus estudos compreendem a sociedade em sua totalidade e desenvolvem teorias para a sua transformação, no quais suas ideias se aproximam do fenômeno do Jornalismo, no qual o mesmo embora tenha o método objetivo, sua prática é um desafio diário para o jornalista, como afirma LÜCKMANN (2008):

Sempre que o jornalista está diante do desafio de produzir notícia, reportagem e largas coberturas dos acontecimentos sociais, os princípios ou comandos mentais que conduzem a operação simbólica espelham a força da concepção de mundo positivista. Das ordens imediatas nas editorias dos meios de comunicação social às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Auguste Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista (LÜCKMANN Apud MEDINA, 2008a, p. 25).

O artigo tem como objetivos: apontar soluções para que o telejornalismo esportivo melhore em sua cobertura midiática fazendo o Jornalismo entender que a crescente complexidade da sociedade, conceitos desenvolvidos por Genro Filho e Edgar Mórin exigem novas abordagens e temáticas. Será realizada uma análise da transmissão esportiva das Olimpíadas do Rio 2016 por parte das emissoras de televisão no Brasil, como a Globo e Record e identificar os pontos positivos e negativos da mesma.

A falta de debates e conhecimento dos esportes pouco conhecidos, o amadorismo, o esporte como forma de transformação social e de afastamento da miséria e do crime, a espetacularização do esporte, a informalidade do jornalismo esportivo e outros temas serão abordados ao longo do presente trabalho.

## **A relação entre Mórin e Ademar Genro Filho e as Olimpíadas**

Historicamente, o Brasil viveu o período mais esportivo de sua história. A realização das Olimpíadas, em casa, foi o clímax de uma relação de proximidade entre o país e todos os esportes. Mais até que a Copa do Mundo, também marcante, mas de futebol. O que aconteceu na Rio 2016 foi um aumento da representatividade do povo, a partir das diversas modalidades presentes no evento, que vão dos mais populares, como o vôlei, até os pouco vistos, como o tiro.

No caso de um evento singular como esse o que se esperava do jornalismo esportivo era um legado, especialmente em termos de narrativa, que pudessem ser utilizados como herança de uma cobertura em que, pelo nível de importância, e por se tratar de uma época onde o jornalismo esportivo está cada vez mais leve, fosse permitido ousar. Mas não houve legado.

Chance única e desafio intenso para os jornais brasileiros, a cobertura da Rio-2016, no geral, foi a oportunidade perdida pela imprensa para inovar, fazer experiências, descobrir caminhos, atrair novos leitores. Pouco mostrou da festa na cidade além das arenas; nas casas e nas ruas. Às vezes, parecia esquecer que a competição se realizava no Brasil. A questão de gênero é só uma de muitas que a cobertura olímpica levanta. Uma das características mais marcantes foi ter sido óbvia. A Olimpíada do Rio acaba sem que tenha deixado legado jornalístico também. (COSTA, 2016)

Um evento da magnitude de uma Olimpíada seria o momento ideal para, de fato, estabelecer conexões entre a complexidade de Mórin e o jornalismo, de forma que o jornalismo se tornasse uma forma social de conhecimento, ampliando aos telespectadores a visão do que foi a Rio-2016. Para isso seria necessário a superação entre o ponto de vista simplista da divulgação de resultados, crônicas sobre as partidas e melhores momentos para começar a entender o evento de uma forma mais abrangente, com a religação entre os diversos saberes, mostrando como disputar uma partida em casa afetaria o psicológico dos atletas ou a importância sociológica de se sediar a competição, por exemplo.

A aproximação entre os fenômenos seria um primeiro passo para entender essa complexidade e tornar a cobertura das Olimpíadas importante, sobretudo, no aspecto social, executando-a de forma pedagógica. A preocupação com o manual da cobertura olímpica foi tão grande, que questionamentos importantes não foram respondidos. Após o fim do evento, ainda não foi aberto o debate sobre qual o impacto da Rio-2016 para o país, e porque o Brasil não atingiu a meta planejada. Provavelmente, estes questionamentos cairão no esquecimento.

Tanto Globo como Record, por exemplo, se destacaram nas coberturas, principalmente no aspecto técnico com grandes estruturas e um número alto de horas transmitidas, inclusive no ao vivo. A Olimpíada é um palco de diversas manifestações sociais, mas isso não foi aproveitado. Nenhuma das duas potencializou suas narrativas, para ir além do resultado. Falaram o esperado.

Diversos segmentos da sociedade relacionaram suas causas e valores aos acontecimentos esportivos. Militares exaltaram a medalha de prata conquistada pelo sargento Felipe Wu no Tiro Esportivo. Feministas destacaram o relativo êxito das mulheres em contraste com os vexames iniciais dos homens no futebol. “Marta é melhor que Neymar”, foi uma das frases mais replicadas na primeira semana olímpica. Já a inédita medalha de ouro no judô, conquistada por Rafaela Silva – negra e ex-moradora de uma comunidade carente do Rio de Janeiro – foi utilizada pela grande mídia para propagar o discurso meritocrático: “o ouro de Rafaela Silva no judô, é claro, uma maravilhosa história de sacrifício e de superação individual de quem lutou de verdade para escapar da miséria. Nem em filme se tem um final tão perfeito e verdadeiro. Rafaela é o triunfo da vontade de vencer as circunstâncias que o poder público não foi capaz sequer de remediar”, argumentou Willian Waack no Jornal da Globo. Um meme conservador viralizou nas redes sociais ao apontar que a judoca

carioca “nunca precisou do feminismo ou de cotas, conquistou tudo por mérito próprio. (LADEIRA, 2016).

Ir além dos gols ou pontos executados nas quadras e campos e abrir o debate com a sociedade com temas como a presença feminina na competição é um exemplo das inúmeras possibilidades que um evento como as Olimpíadas disponibilizam ao jornalismo esportivo. De modo que era acessível realizar uma cobertura rica em temas, debates e assuntos que, de forma direta, afetavam o dia-a-dia da sociedade.

Além da resposta ao tradicional lide (O que? Quem? Quando? Como? Onde? E Por quê?), houve uma carência de reportagens que fossem tão marcantes quanto o tamanho do evento, um prato cheio para a teoria de Genro Filho (1989) onde o jornalismo é uma fonte de conhecimento cristalizado no singular.

Assim, a constatação é que do ponto de vista jornalístico, a Olimpíada não foi tão bem explorada quanto ao tamanho de sua importância cultural e social, de tal modo que, ela acaba, mas deixa a sensação de que poderia render muito mais.

## **Cobertura da mídia televisiva das Olimpíadas do Rio 2016**

Depois de passar por várias fases e momentos, nos dias atuais, a TV está presente na casa de quase todos os brasileiros, moderna e digital, disputa a atenção com outras mídias e tecnologia, não possui mais a mesma audiência de antes, e para isso é necessário os proprietários tentarem conquistar e manter o público, embora ainda, continue sendo preferida pelos brasileiros e anunciantes.

Atualmente, a televisão e o telejornalismo passam por mudanças em suas narrativas, formatos e produções a fim de atrair o público, arrebatado pelas novas tecnologias digitais e processos comunicativos mais participativos (SCHLAUCHER, Bárbara; ALMEIDA, Rebeca; COUTINHO, Iluska, 2013, p.1).

As emissoras de televisão já sentem os impactos e precisam se adaptar ao novo momento que as cercam com um telespectador exigente, autônomo e com acesso às vários meios de comunicação, informação e entretenimento.

A perda de audiência da TV aberta tem sido explicada, pela maioria dos observadores, como consequência do surgimento das novas mídias, com novas opções de informação e entretenimento para o telespectador. É bem provável que essa seja uma das razões, mas certamente não é a única. E mesmo que fosse já deveria ser o suficiente para alertar as emissoras quanto à necessidade de se reinventarem, de investigarem mais os hábitos e desejos dos seus consumidores, enfim, de investirem mais na busca de adequação das suas programações ao gosto do telespectador. O telespectador de hoje e o telespectador de amanhã. Essa revolução toda vai atingir desigualmente as emissoras. Aquelas que melhor entenderem o processo todo, e de forma mais inteligente se posicionarem, retardarão os impactos negativos das mudanças. Já as outras... (GURGEL, 2013, p.78).

Várias causas são apontadas pela queda da audiência e de interesse do público pelos telejornais brasileiros como insistir no modelo único de telejornalismo (incluindo o esportivo), estetizar a identidade dos telejornais, terem apresentadores únicos e milionários e a falta de aproximação com o jovem (BRASIL, 2007, p.59). Além disso, na atualidade, a maioria das pessoas já vira as notícias que serão exibidas no telejornal, na internet, em vários sites e portais de notícias, escutam no rádio, viram nos canais de notícias 24 horas ou simplesmente acham repetitivos, preferem ver outro tipo de programação ou fazer outra atividade.

Nas Olimpíadas 2016 do Rio de Janeiro, o telejornalismo esportivo das emissoras que transmitem o evento, inovaram na linguagem, na conduta da transmissão, além de ocorrer uma forte hibridização entre entretenimento e jornalismo, ao utilizar, por exemplo, comentaristas não-jornalistas nas transmissões esportivas, como a Record que direto do Maracanã, o humorista e apresentador Fábio Porchat comentou a cerimônia de abertura das Olimpíadas ao lado dos apresentadores: Adriana Araújo, Lucas Pereira e do comentarista Xuxa (Fernando) Scherer (ex-exportista). Além de que o telespectador, na maioria das vezes, não sabia diferenciar o que é jornalismo e o que é entretenimento, devido a uma maior “liberdade” por parte do jornalismo esportivo, quando as reportagens “exaltam, dramatizam, incentivam” os esportistas, a condução da apresentação e outros aspectos específicos do gênero esportivo, constituindo uma linguagem e uma estética própria de transmissões. Em que muitas vezes, entretém-se o telespectador para “vender” o esporte como mercadoria e promover os patrocinadores, atletas e o próprio evento, e as questões sociais, as irregularidades nos eventos e a

promoção do esporte como mudança da sociedade são deixadas em segundo plano.

A utilização de jornalistas que não são narradores oficiais das emissoras pode ser visto como uma “inovação” nas emissoras de televisão como: a TV Globo, com Glenda Kozlowski, narrando a ginástica artística (primeira mulher narradora da emissora); a Record com Reinaldo Gottino (apresentador de um programa de variedades, o Balanço Geral SP) e a Band, com Datena (apresentador do programa policiaisco Brasil Urgente).

Pode-se observar que a linguagem utilizada no evento das Olimpíadas foi totalmente coloquial, em que a naturalidade, a informalidade foram válidas e aproximaram o telespectador da notícia, dos jogos, mas ao utilizar gírias, um “engraçadismo” e termos muito coloquiais (muito comum) exageraram e tiraram a seriedade que o telejornalismo exige isso no que se refere ao transmitir as notícias esportivas dos Jogos Olímpicos, dentro de um telejornal, como nos casos do Jornal Hoje (TV Globo) e SBT Rio (SBT).

A TV Globo investiu pesado nessas Olimpíadas no Rio, seus telejornais e programas esportivos foram transportados para o estúdio olímpico construído especialmente para a transmissão de todos os acontecimentos ocorridos na cidade. Para dar um “ar” esportivo, a figurinista da Globo, Patrícia Veiga, resolveu mudar os figurinos dos repórteres e apresentadores, os homens com camisas jeans, calças cáqui ou saias como segunda opção para as mulheres, e os comentaristas, ex- atletas que foram contratados para dar explicações de cada modalidade esportivas, vestiram camisetas verdes, azuis escuras e calças pretas.

Assim como a Record que vestiu seus comentaristas e repórteres com camisetas pólo, jaqueta de nylon, calça ou bermuda de sarja (para a cobertura dos esportes de praia), e sapatênis. As mulheres calçaram escafpins pretos ou sapatilhas. Isso tudo para que seus funcionários passassem um ar conservador, sem chamar a atenção, com cores frias, o que deveria realmente ter a atenção do público era os jogos. Nessas olimpíadas, como em todo grande evento desse porte, as emissoras investem em muitos recursos gráficos, nos telejornais da TV Globo, por exemplo, nas suas aberturas o símbolo do JH, JN, JG apareciam nos jardins do estúdio, os atletas também eram projetados em tamanho gigante ao ar livre, ou do tamanho original ao lado dos apresentadores. As

mesas táticas, geralmente usadas para comentar as estratégias do futebol, e esse ano com a inovação para o basquete, handebol, vôlei de praia, vôlei e natação, beneficiados por ferramentas, para explicar cada lance, sugerir jogadas e a estratégia das equipes, com assim o público pôde entender mais preciso cada lance das competições explicadas na mesa.

As reportagens dos principais telejornais foram dedicadas em sua maioria ao evento, as matérias eram de caráter esportivo, contando as origens dos atletas, um exemplo foi Izaquias Queiroz, um rapaz carente que treinava em uma pequena canoa em sua cidade Ubaitaba, na Bahia, que teve de superar vários obstáculos para chegar às três medalhas inéditas na canoagem, assim tornando o maior medalhista brasileiro em uma olimpíada. Em outras matérias, era bem definida a mitificação do herói quando o atleta era exaltado, promovido, servindo como “exemplo” para a população; a figura do vilão, quando havia um mau comportamento, como em casos de *dopping* ou flagrados em situações constrangedoras, como o nadador Ryan Lochte que forjou ter sido assaltado em um posto de gasolina nos Jogos Olímpicos do Rio e foi duramente criticado pela imprensa.

Por fim, destacamos a espetacularização do esporte que segundo Rubim (2015, p.12) citado por Mello (2015) o “espetáculo é tudo aquilo que atrai e prende o olhar e a atenção”. O autor observa que "o espetáculo remete também à esfera do sensacional, do surpreendente, do excepcional, do extraordinário. Daquilo que se contrapõe e supera o ordinário, o dia a dia, o naturalizado" (RUBIM, 2005, p.13). No caso específico das Olimpíadas Rio 2016, em que a TV Globo (emissora principal e geradora do evento) construiu um estúdio, contratou vários comentaristas (ex-esportistas), disponibilizando várias horas da programação para exibir o evento, sendo um verdadeiro “espetáculo”, reforçado várias vezes na emissora durante a transmissão, como os “Primeiros Jogos Olímpicos ocorridos na América Latina e no Brasil.”, revelando a grandeza e a importância do acontecimento para os telespectadores a todo instante, principalmente na abertura e depois no encerramento.

## Soluções para o Telejornalismo Esportivo

Um evento como as Olimpíadas renova a auto-estima de um povo. Para a televisão, não é diferente. Toda a tradição aliado ao fato de ser em casa, fez da competição uma alternativa para o aumento da audiência e, conseqüentemente, do faturamento das televisões, em especial na editoria do jornalismo esportivo.

Os programas estavam recheados. Mas toda essa imensa possibilidade de pautas não significa dizer que houve algo marcante. Em qualidade, pelo contrário, tanto Globo como Record fizeram coberturas perfeitas no ponto de vista técnico. A Rede Globo, por exemplo, em parceria com uma televisão chinesa fez a primeira transmissão terrestre em 8K.

A Globo, em parceria com a emissora japonesa NHK, que vem inovando com as imagens em ultra-alta definição (UHD), fará as primeiras transmissões ao vivo em 8K abertas ao público durante os Jogos Olímpicos 2016. Segundo especialistas, o 8K oferece o padrão mais avançado em qualidade de imagem perceptível ao olho humano, com uma resolução 16 vezes superior ao padrão conhecido como Full HD (1080p). A ocasião nos jogos Rio 2016 será a primeira vez no mundo em que haverá uma transmissão terrestre ao vivo em 8K, viabilizada pela utilização racional do espectro eletromagnético – técnica considerada uma evolução do atual padrão do sistema de distribuição de sinal no Brasil. (TEIXEIRA, 2016)

Apesar de tantas mudanças e evoluções tecnológicas, no entanto, não foi possível perceber uma mudança de narrativa tão forte. As soluções para o telejornalismo esportivo passam, sobretudo, por um olhar mais aprofundado diante dos temas expostos, a partir de uma análise mais social. Por exemplo, a Seleção Brasileira de Futebol Masculino, pela primeira vez na história, conseguiu uma medalha de ouro nas Olimpíadas. E a cobertura foi fantástica! Gols, declarações dos jogadores, perfis e festa dos familiares.

Mas, afinal, quanto foi investido nas categorias de base dos clubes de futebol para que um jogador consiga chegar a um título dessa magnitude somente aos 20 anos? Como os altos salários desde os primeiros anos da adolescência afetam o psicológico desses atletas? Sendo o futebol um esporte de auto rendimento, quais as alternativas

usadas para evitar lesões? São perguntas como essa que, há muito tempo, não é respondidas. E, mesmo com a Rio-2016, continuam sem uma explicação.

Mas existiram pontos positivos. Apesar da ausência de grandes novidades, foi possível perceber um caminho que deve ser seguido pelo jornalismo esportivo nos próximos anos. O primeiro deles, o estúdio da Globo no Parque Olímpico, local onde estava sendo realizadas as competições.

Será fundamental estar presente nos eventos e/ou acontecimentos esportivos. O telespectador de hoje exige proximidade. Estar presente, com o evento ao fundo, próximo dos atletas, torcida e com todo o clima olímpico foi um dos destaques que mais chamaram atenção do grande público. As mesas táticas, imagens em 3D e uso ainda mais intenso da tecnologia será outra grande aliada do telejornalismo. A audiência exige que tudo o que se passa em uma partida de futebol, por exemplo, seja apresentada de forma mais didática, para um maior entendimento, como a jogada que deu origem ao gol, a forma como o goleiro defendeu a bola, entre outras coisas.

Mas o principal aspecto que deve ser observado para traçar um diagnóstico do futuro do jornalismo esportivo, é que ele seja cada vez mais um bom jornalismo. O público hoje, mais do que qualquer outra época em se tratando de comunicação, exige qualidade. Uma boa apuração, respeito para com os atletas, um cuidado maior com os critérios de noticiabilidade serão fundamentais. Os tempos modernos necessitam de um jornalismo esportivo que caminhe numa linha tênue entre informação e entretenimento, mas que em ambos os lados, seja feito de forma responsável.

## **Considerações finais**

Diante dos argumentos expostos, pode-se considerar que é necessário que diferentes saberes voltem a se comunicar, não sendo uma resolução dos problemas do mundo, mas um desafio a ser enfrentado para a compreensão desses problemas.

Fontcuberta (2006) afirma que o jornalismo atual não é capaz de interpretar os acontecimentos. Não sendo o objetivo da maioria das empresas jornalísticas, seja devido à ausência de tempo, espaço, conhecimento técnico e teórico do jornalista adequados e outros motivos.

Medina (2008) enfatiza que decifrar a complexidade dos acontecimentos tem sido tarefa de poucos pesquisadores e “jornalistas estudiosos”, e isso se estende ao telejornalismo esportivo, que carece de alguns aspectos a ser discutidos e apresentados a sociedade, para atingir o jornalismo que utiliza do pensamento complexo.

Não é possível realizar uma transmissão esportiva adequada, desde a pauta até a exibição do material como: reportagem, noticiário, debates, entrevistas e afins, de forma isolada, individualizada. É primordial o jornalismo recorrer à multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade do assunto, relacionando com as outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, Psicologia, Ciência, Tecnologia e Educação Física, por exemplo, para assim, contemplar e cada vez mais o telejornalismo esportivo tentar dar conta da complexidade da realidade e da sociedade, que evolui, tem novas demandas e problemáticas a serem investigadas e debatidas, e cabe ao Jornalismo se aprofundar e discutir, como: A falta de debates e conhecimento dos esportes pouco conhecidos para o público, o esporte amador ou amadorismo, o esporte como forma de transformação social e de afastamento da miséria e do crime, dentre outros. As soluções para o telejornalismo esportivo passam, sobretudo, por um olhar mais aprofundado diante dos temas expostos, a partir de uma análise mais social.

Nas Olimpíadas 2016 do Rio de Janeiro, o telejornalismo esportivo das emissoras que transmitem o evento, como Globo e Record que inovaram na linguagem, na conduta da transmissão, investiram milhões em estúdios, profissionais e equipamentos, além de ocorrer uma forte hibridização entre o entretenimento e o jornalismo, onde a espetacularização e a promoção do evento foi maior do que discutir, por exemplo, as questões sociais do esporte e a relação entre esporte e educação.

Mas, fundamentando-se a tendência do telejornalismo esportivo alterar e se adequar as novas realidades da sociedade, devido à globalização, a midiaticização e as tecnologias digitais em geral, conforme discutido acima, se torna necessária uma reflexão e análise mais abrangente sobre: análise da transmissão esportiva das Olimpíadas do Rio 2016 por parte das emissoras de televisão no Brasil, na tentativa de capturar também eventuais aspectos adversos ou não de tal processo discutido no presente artigo e seus impactos para a sociedade e o Jornalismo, o que representaria um tema interessante para futuras pesquisas na área da Comunicação, na perspectiva das

contribuições do pensamento complexo para o jornalismo, conceitos desenvolvidos por Genro Filho e Edgar Mórin.

## Referências

BRASIL, Antonio Cláudio. **Antimanual de jornalismo e comunicação**: ensaios críticos sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias. São Paulo: SENAC, 2007.

COSTA, Paulo Cesarino. Folha de SP. **A Olimpíada se encerra sem uma grande reportagem de impacto**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2016/08/1805298-a-olimpiada-se-encerra-sem-uma-grande-reportagem-de-impacto.shtml>>. Acesso em 07 jul. 2017

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico como sistema. *In*: BORRAT, Héctor. **Periódicos**: sistemas complejos, narradores eninteración. Buenos Aires: La Crujía, 2006. Cap. 1, p. 13-154.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 2. ed. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

GLOBO, Jornal O. **Globo e NHK farão a primeira transmissão terrestre ao vivo em 8K no Museu do Amanhã durante os Jogos Olímpicos Rio 2016**. Disponível em:<<http://blogs.oglobo.globo.com/cat/post/globo-e-nhk-farao-primeira-transmissao-terrestre-ao-vivo-em-8k-no-museu-do-amanha-durante-os-jogos-olimpicos-rio-2016.html>> Acesso em 07 ago. 2016

GSHOW.com. **Tudo do entretenimento da Globo**. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/>>. Acesso em 25 ago. 2016

GURGEL, Luiz. **TV por Assinatura VS TV Aberta**, 2013. Disponível em: <[http://www.set.org.br/artigos/ed134/ed134\\_pag78.asp](http://www.set.org.br/artigos/ed134/ed134_pag78.asp)>. Acesso em 25 ago. 2016

HERMANN, Nadja. Os processos de estetização. *In*: HERMANN, Nadja. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. PP. 35-41.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Um balanço das Olimpíadas**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/um-balanco-das-olimpiadas/>>. Acesso em 05 ago. 2016

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LADEIRA, Francisco. Obvious. **Reflexões sobre a Olimpíada**. Disponível em: <[http://obviousmag.org/observando\\_o\\_cotidiano/2016/reflexoes-sobre-a-olimpiada.html](http://obviousmag.org/observando_o_cotidiano/2016/reflexoes-sobre-a-olimpiada.html)> Acesso em 09 jul. 2017

LÜCKMANN, Ana Paula. **Contribuições do Pensamento complexo para o campo epistêmico do Jornalismo.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2003.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação:** comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MELLO, Matheus Simões. **Em busca do equilíbrio tático:** reflexão sobre a construção textual no jornalismo. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2004-1.pdf>> Acesso em 19 set. 2019

MELLO, Raul Augusto Ramalho de. **O esporte amador em telejornais esportivos locais.** Dissertação de Mestrado: UFPB/CCTA. João Pessoa, 2015.

RECORD, R7.com. **Fabio Porchat comenta abertura das Olimpíadas na Rede Record.** Disponível em: <<http://rederecord.r7.com/2016/08/05/fabio-porchat-comenta-abertura-das-olimpiadas-na-rede-record/>>. Acesso em 17 ago. 2016

RUBIM, Antônio Alves Canela. Espetáculo. *In: Cultura e atualidade.* Salvador: EDUFBA, 2005, p.11- 28.

SÃO PAULO, Folha de. Paula Cesarino Costa. **A Olimpíada se encerra sem uma grande reportagem de impacto.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2016/08/1805298-a-olimpiada-se-encerra-sem-uma-grande-reportagem-de-impacto.shtml>> Acesso em 05 ago. 2016

SCHLAUCHER, Bárbara; ALMEIDA, Rebeca; COUTINHO, Iluska (Org.). **História da pesquisa em Televisão e Telejornalismo: um levantamento das produções científicas relacionadas á era digital,** 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/historia-da-pesquisa-em-televisao-e-telejornalismo-um-levantamento-das-producoes-cientificas-relacionadas-a-era-digital>> Acesso em 25 ago. 2016

TEIXEIRA, Carlos Alberto. **Globo e NHK farão a primeira transmissão terrestre ao vivo em 8K no Museu do Amanhã durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.** Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/cat/post/globo-e-nhk-farao-primeira-transmissao-terrestre-ao-vivo-em-8k-no-museu-do-amanha-durante-os-jogos-olimpicos-rio-2016.html>> Acesso em 09 jul. 2017